

## DA SÉRIE DE TV A FONTE HISTÓRICA: O USO DA SÉRIE GAME OF THRONES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Kettuly F. S. Nascimento dos Santos (UEL)  
tulyppas@hotmail.com

Kauana Candido Romeiro (UEL)  
Kau-candido@hotmail.com

### Resumo

Este trabalho pretende abordar sobre o uso de trechos da série Game of Thrones para o ensino de história. Nossa proposta é usar a série, que seria um elemento próximo dos estudantes junto com um tema da história. Tornar a discussão mais significativa para os alunos, de maneira criativa. Os trechos podem ser utilizados como ferramenta para tratar do período do Renascimento, o papel do rei frente a seus súditos. Também propomos aprofundar a discussão sobre o Renascimento utilizando o livro "*Discurso da Servidão Voluntária*" (2009) de Étienne de La Boétie e "*O Renascimento Italiano*" (1999) de Peter Burke. O foco será apresentar uma proposta de aula e outro olhar sobre as diferentes fontes e suportes que podemos fazer uso numa aula de história.

**Palavras Chaves:** ensino, renascimento, fontes, história.

### INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de história nos remete a ideia de oferecer a nossos estudantes a compreensão contextualizada do passado, com base nas fontes disponíveis e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal "que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado" (BARCA, 2004, p. 132).

O primeiro passo seria oferecer fontes que possam ser do universo cultural dos estudantes, e a partir disso, dialogarmos, questionarmos, problematizarmos esta fonte. É, assim que pensamos quando selecionamos a série Game of Thrones é uma série de televisão norte-americana criada por David Benioff e D. B. Weiss para a HBO lançada em 2011 e baseada na série literária de fantasia épica "As Crônicas de Gelo e Fogo" de George R. R. Martin publicada em 1996. A discussão desta série se encontra respaldada por outros livros e historiadores. Utilizando recorte de episódios da primeira temporada, problematizamos uma fonte produzida no presente, que traz reflexões sobre o passado, tendo em vista, induzir os alunos a pensar sobre a história que a série desenvolve, relacionando-a com uma temporalidade histórica: os reinados do século XVI.

Segundo Isabel Barca, a instrumentalização em história pode ser sintetizada primeiramente, pela análise e interpretação das fontes, entrecruzando informações. Posteriormente, devem-se entender as informações em seu respectivo tempo, relacionando-as com o presente e levantando outras questões investigativas sobre a temática. Em seguida, a autora aponta a questão da comunicação dessas informações, na aula, ou seja, o papel do professor em planejar uma aula que incentive os alunos ao desenvolvimento cognitivo da problematização das fontes, desafiando-os no sentido de serem críticos às informações.

Importante, na discussão sobre o uso de fontes na sala de aula é: “Justamente quando se explora a natureza da fonte, é necessário que se examinem as questões referentes à autoria, ao público a que se destina e a linguagem empregada” (JANOTTI, 1982, p. 4). Numa primeira etapa, seria a natureza da fonte, que se baseia em contextualiza-la, apontando autoria visamos dar referência a esta fonte, que esta carregada de ideias deste sujeito, assim como o momento na qual fora produzida. Localizando o autor no tempo e espaço, podemos discutir alguns aspectos envolvidos de sua produção, o que podemos relacionar e inferir.

As produções, o público e sua linguagem, imagética (que segundo Jean-Claude Schmitt (2007, p.11) “[...] elas exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos [...]”), visual, chama atenção, pois contém elementos que se relacionam, com uma temporalidade. Assim, criaram estereótipos e atingiram um público muito amplo com suas produções, fato corrente até hoje, principalmente com sua produção fílmica. A partir do questionamento dessas elaborações e de suas implicações simbólicas no cotidiano das pessoas, podemos contribuir para a formação de jovens mais críticos, ativos politicamente em seu meio de convívio e, conseqüentemente, menos vulneráveis às manipulações culturais.

### **Trabalhar com fonte implica fazer uma série de perguntas:**

Este foi o foco quando pensamos na série: buscamos conhecer um pouco mais dos personagens e a história da série, e a partir deles levantamos questões sobre a forma que os reis governam seus reinos. Com isso em mente, procuramos outros suportes para aprofundar a discussão e o conteúdo, entrecruzando informações, discutindo os episódios e trechos dos livros pesquisados, na sala de aula.

O livro o *Discurso da Servidão Voluntária* (2009) de Étienne de La Boétie e a obra de Peter Burke, *O Renascimento Italiano*(1999) nos mostra as características da sociedade na Itália renascentista, que possuía uma configuração nos laços entre corte e súditos: reconhecia-se os dominantes e os dominados, estes pagando altos impostos para os dominantes, que mantinham sua vida de luxo.

Na Itália, como aponta Burke (1999), a consciência das diferenças no status social apresentava-se bem disseminada. A visão medieval de uma sociedade composta de três grupos – os que rezam, os que lutam e os que trabalham – não se mostrava conivente com a realidade dos moradores das cidades italianas, pois na maioria das vezes, não desempenhavam nenhuma dessas funções. O modelo de diferenciação social da Itália deste período era definido não por funções, mas por graus, a partir da classificação dos cidadãos entre ricos, médios e pobres, com base no pagamento de impostos. Posteriormente, eram diferenciados também em relação a sua origem, se eram nobres ou não, se eram cidadãos em posse de direitos políticos, ou se eram membros das guildas maiores ou menores. Neste contexto, o poder passava a ser visto como fruto direto das ações e das relações humanas, e não mais como detentor da vontade divina.

O indivíduo dotado de ganância vê no Status o seu objetivo maior; ser reconhecido perante a sociedade é algo muito valorizado e desejado e para isso ele usa de artimanhas que o levam a fazer alianças para seu próprio benefício. Para adquirir Status em uma sociedade o indivíduo se dispõe as vontades de um rei tirano, se esquecendo da liberdade que um dia possuíam e acreditando serem possuidores de uma vida invejada. Por meio do livro *Discurso da servidão voluntária* – que seria uma pequena obra de um conselheiro do Parlamento de Bordéus, Étienne de La Boétie. O autor nasceu no século XVI, na França, e fará esta obra sobre a submissão dos homens a um poder tirânico – poderemos ver melhor esta submissão pela série, além da questão da ganância pelo poder que se tornará evidente.

A temática da obra de De La Boétie se funda na discussão sobre uma servidão que se torna voluntária, à submissão a um tirano, da qual se torna aceitável e cômoda ao povo, tomando a liberdade, que é natural ao homem. Incorporados à ideia de submissão, os homens se submetem a obedecer ao mais forte, para protegê-los, defendê-los, e governar. Vendo neste mais forte, ousadia, prudência e previdência. Habitua-se a obedecer-lhe e a confiar nele, concedendo vantagens.

O diálogo entre a série, a obra de Peter Burke (1999) e o *Discurso da Servidão Voluntária* se fundamenta em discutir como o poder se manifesta através das relações e ações humanas, no período do Renascimento, mas que também semelhanças com o tempo presente. O status social seria a chave de relacionamentos e ações. O indivíduo dotado de ganância pretende atingir um status para conseguir poder, posses. Este seria o objetivo maior e, para isso o indivíduo faz uso de artimanhas que o levam a fazer alianças para seu próprio benefício.

Para adquirir um status em uma sociedade, o indivíduo se dispõe as vontades de um rei, se esquecendo da liberdade que um dia possuíram e acreditando serem possuidores de uma vida invejada. Com os trechos da série poderemos mostrar como o indivíduo privado desde o seu nascimento da liberdade, vive alienado, submetido a um governo tirano, sem reagir às imposições do rei que os impedem de enxergar as suas privações. Portanto, não podem sentir falta do que não possuem.

Com a série Game of Thrones e o livro de De La Boétie, podemos visualizar as ações do rei para se conseguir a submissão do povo: o rei coberto por um manto religioso, que se valia de um discurso sagrado para reinar e para a dominação. A discussão em sala de aula, deve se pautar em refletir e identificar estes atos e símbolos da realeza, e o que outros elementos de submissão podemos encontrar em nossas vidas, atualmente, frente ao governo, a política, por exemplo.

A série Game of Thrones conta a história dos sete reinos, governadas por um único rei: Robert. A história começa quando o ajudante do rei, chamado “A Mão do Rei” morre assassinado na capital do reino e então ele sai em busca de um substituto. Chega a Winterfeel para convidar Lorde Eddard Stark para ocupar o cargo.

O rei Robert é um personagem descontraído, que adora festas, comer e beber e não tem muitas preocupações com o trono, deixando o reino basicamente sob o controle e responsabilidades do segundo em comando no reino conhecido como a “Mão do Rei”. Eddard Stark aceita a oferta e vai para a capital Porto Real, localizada no sul. Acaba descobrindo que o filho do rei, Joffrey é na verdade um bastardo fruto de relações incestuosas da rainha Cersei Lannister com o seu irmão gêmeo Jaime Lannister (que utilizam do discurso de que seus filhos são filhos de uma linhagem pura, pois foram gerados por dois indivíduos que dividiram o útero ao mesmo tempo, para justificar a relação incestuosa).

Quando Stark decide contar para o Rei Robert toda a verdade sobre as relações da rainha com seu irmão, este de maneira inesperada acaba sofrendo um acidente durante uma caçada na floresta e agora se encontra à beira da morte, mudando o rumo das coisas para Eddard Stark. O rei pede para que Stark escreva uma carta onde o nomeia para ocupar o posto de rei dos sete reinos, até que o “filho” do rei (Joffrey, o primogênito que na verdade é filho dos irmãos Lannister) tenha idade para governar.

Sempre ambiciosa pelo trono, a rainha Cersei Lannister rasga a carta e nomeia seu filho Joffrey como novo rei. Eddard Starks é acusado de conspirar contra o rei para tomar o seu cargo e acaba sendo morto pelo rei Joffrey. Podemos assistir a isso no episódio 2, 5 e 7 da primeira temporada da série: a nomeação do rei, o jogo de poder e de relações. O instrumento da tirania era o preço da liberdade para a servidão. Essa servidão era conquistada com jogos, farsas, espetáculos e davam alimentos, o qual lhes pertencia por direito, tudo isso já no mundo antigo como meio de entorpecer o povo. O rei ainda se vestia do manto da religião para justificar o governo severo e hostil, como um mecanismo a mais de dominação (DE LA BOÉTIE, 2009).

Etienne de La Boétie diz que muitas vezes o soberano é o mais covarde e efeminado da nação, não acostumado à poeira das batalhas, não só incapaz de comandar os homens pela força, mas ainda de servir de maneira indigna. (2009, p. 32). Podemos observar esta afirmação em uma das cenas de Game of Thrones, quando o personagem Joffrey (quando ainda é um príncipe do reino), tenta mostrar sua superioridade a um filho de um carniceiro, mas quando se vê dominado pela personagem Arya Stark (em uma disputa de espada), mostra claramente a sua fraqueza.

Segundo o autor De La Boetie (2009, p.40) há três tipos de tirano: Uns adquirem o poder por eleição do povo, outros pela força das armas, e os últimos por sucessão hereditária. Na série Game of Thrones, vemos que o personagem Robert ganha o trono pela força das armas, através de uma luta do qual venceu o domínio do chamado “Rei Louco” e tomou o seu trono. Já o personagem Joffrey é “filho” do Rei Robert e, portanto, toma posse do trono por sucessão hereditária.

Na opinião de De La Boétie, os que nascem reis geralmente não são os melhores, pois nascidos e alimentados no seio da tirania sugam com o leite a natureza do tirano e olham os povos submetidos a eles como servos que herdaram.

(p.40). Em *Game of Thrones* torna-se muito claro que o personagem Joffrey desde criança percebeu que possuía poder, e ao chegar o momento de usufruir deste, o utiliza para subjugar os seus súditos.

Hábito, educação, o não cultivo da liberdade e a covardia, são elementos da servidão voluntária. “A primeira razão pela qual os homens servem voluntariamente é porque nascem servos e são educados como tais. [...]” (LA BOÉTIE, 2009, p. 51).

O autor diz que o segredo da dominação do tirano é o apoio de quatro ou cinco pessoas que o mantém no poder. Isso sempre aconteceu porque cinco ou seis obtiveram a confiança do tirano e se aproximaram dele por conta própria, ou foram chamados por ele para serem cúmplices de suas crueldades. (DE LA BOÉTIE, 2009, p.61). Na série podemos ver um exemplo desta citação através da família Lannister. Eles conseguem apoio de muitos aristocratas devido ao estímulo financeiro que a família Lannister oferece aos seus subjugados – a família financia até mesmo as regalias do reinado do rei Robert que não se preocupa com os gastos excessivos e acaba colocando o reino a beira da falência financeira, recorrendo desta forma ao dinheiro dos Lannister – o que os leva a utilizar constantemente a frase “Ouça-me rugir”, pois o brasão da família é um leão dourado em campo carmesim, entretanto, utilizam constantemente a frase ‘Um Lannister sempre paga suas dívidas’, como meio de reafirmar suas condições financeiras.

Para o autor de *O discurso da Servidão voluntária*, o tirano somente prejudica os homens, cuja figura é o mal em pessoa. Uma forma de resistência a tal poder seria o uso da razão, pois, assim, os homens não seriam subjugados a ninguém. Esquecem-se da liberdade e ganham a servidão, “um bem natural [...] perde-se quando não cultivado, e o hábito nos conforma sempre a sua maneira, apesar da natureza.” (DE LA BOÉTIE, 2009, p.43).

Nossa proposta se pauta no estabelecimento da relação passado/presente, para os alunos desenvolverem um pensamento crítico para atuar no meio em que vivem. Desta forma, podem constatar rupturas e permanências, semelhanças e diferenças da sociedade em que vivem, em relação a outras do passado estudadas. Com aulas mais interativas e que atendam as perspectivas dos alunos, podemos instigar o interesse dos estudantes para as questões históricas na sua interação com o presente, de uma forma mais consistente e eficaz.

Vivemos num mundo interconectado e em processo de desenvolvimento, ou seja, temos acesso imediato a informações decorrentes de vários campos do

conhecimento, dados estatísticos, práticas culturais diversas, em virtudes da ampla rede informativa que abrange o mundo. Dentre esse quadro informativo em constante expansão, a escola permeia seu papel de propagadora ou incentivadora de conhecimentos, uma vez que é o aluno que o desenvolve, em contato com ambiente e métodos favoráveis para isso (NADAL, 2007).

Sendo assim, a perspectiva do ensino hoje se desvincula das aulas tradicionais tendo o professor como detentor único do conhecimento e os alunos simples receptores. A tecnologia em desenvolvimento, os meios de comunicação disponíveis devem ser usados para ampliar o efeito da educação na vida de crianças e jovens, como meio de desenvolverem uma visão crítica sobre a sociedade que se inserem.

Tencionamos utilizar uma abordagem dialogada em sala de aula, tendo em vista a importância de propor questões e diálogos com nosso interlocutor, estudante: “[...] esta exposição consiste em fazer o aluno participar, de forma constante, da aula. Interrogado com questões individuais ou coletivas, mobilizado no contexto de comentário de documentos [...]” (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 33). Esta abordagem pretende colocar o aluno como participante do conhecimento, no qual aliado com o professor tecerá sentido e significado aquele documento, complementando, desconstruindo conhecimentos prévios.

### **Disso, elencamos as seguintes questões:**

Como os reis impunham seu poder? Quais os mecanismos? E, como o povo pode resistir a tal servidão? Como o Estado, na figura do tirano é mostrado pelo autor? Como isso se relaciona com o pensamento renascentista?

Apontemos algumas respostas para as questões: o Estado, retratado na figura de um monarca tirano era mostrado como um “corpo” em relação com o corpo humano, como escreve De La Boetie, (2009, p. 4):

Aquele que vos domina tanto só tem dois olhos, só tem duas mãos, só tem um corpo, e não tem outra coisa que o que tem o menor homem do grande e infinito número de vossas cidades, senão a vantagem que lhe dais para destruir-vos. De onde tirou tantos olhos com os quais vos espia, se não os colocais a serviço dele? Como tem tantas mãos para golpear-vos, se não as toma de vós? Os pés com que espezinha vossas cidades, de onde lhe vêm senão dos vossos? Como ele tem algum poder sobre vós, senão por vós?

O povo que experimentou a liberdade não permitirá que um tirano domine-os com mãos de ferro usurpando o seu bem mais precioso. A servidão ocorre por vontade do povo, porque no momento em que se sentem sufocado e sendo abusados pela tirania se juntarão e lutarão pela tão preciosa liberdade, pois sob uma mão de ferro o povo se revolta e luta por melhores condições de vida. Entretanto, aqueles que nasceram da submissão não lutarão, pois cogitam encontrar na servidão o porto seguro. Por estarem acostumados com a servidão, não podem sentir falta de uma liberdade que nunca a tiveram.

Levantaremos uma discussão sobre a liberdade, trazendo até o aluno a sua importância e o seu significado; mostraremos como a servidão era algo permitido pelo súdito enquanto houvesse um sentimento de segurança e a partir do momento que a sua liberdade é ameaçada a submissão termina e se inicia um movimento de revolta. Buscaremos desenvolver com os alunos uma reflexão para os dias atuais. É possível identificar alguma característica dessa submissão nos dias atuais? Se há como elas se apresentam?

### **Conclusão:**

A série seria uma fonte com o intuito de mostrar aos alunos os meios que um rei se apropriava para conseguir de seus súditos a submissão durante o seu governo, como os súditos se submetem as vontades do rei e como que a imposição do monarca muitas vezes é vista como um meio de se conseguir segurança ou em relação ao status como um meio para se conseguir benefícios junto ao rei e para aqueles que desfrutam da liberdade e se negam a servidão, veem a submissão como um ato fraco de quem nunca teve liberdade.

Diferente do que se pensava no século XIX (a visão de que o documento como verdade dos fatos, trazia o que realmente ocorreu), os documentos começam a ser vistos agora (pois, desde o século XX os historiadores passaram a contestar a fonte como documento inerte) como possibilidades para a ampliação e a familiarização do aluno com formas de representação das realidades do passado e do presente que possibilita associar o conceito histórico fortalecendo a capacidade de raciocinar a situação analisada, o que permite que ocorra um diálogo do aluno com a realidade passada, assim como também possibilita criar um sentido para a realidade do aluno.



A “formação histórica” definida por Jörn Rüsen como um processo amplo de aprendizagem, que elenca “o ensino de história nas escolas, a influência dos meios de comunicação de massa sobre a consciência histórica e como fator da vida humana prática, o papel da história na formação dos adultos como influência sobre a vida cotidiana (...)” (RUSEN, 2001, p. 48), denota que devem ser consideradas inúmeras influências para a formação da consciência histórica, ou seja, que muitas vezes, a perspectiva temporal dos alunos se coloca muito além das atribuições contidas nos livros didáticos. Por isso, podemos articular esse embate com a frustração de alguns alunos com um ensino de história sendo colocado como a tradicional decoreba de trechos oficiais, elencando datas e nomes, sem considerar os conhecimentos prévios e as interferências sociais nas suas perspectivas temporais.

Visando uma aula onde se poderá aplicar em sala o trabalho de análise de fontes com os alunos; buscamos desenvolver um diálogo durante a aula para que o aluno possa perceber que os questionamentos feitos à fonte estão ligados a um passado desconhecido, mas que também permite estabelecer uma relação com sua bagagem – as informações obtidas fora do espaço escolar e que não devem ser desconsiderado, pois nos possibilita trabalhar com o aluno de maneira mais dinâmica, porquanto, vivemos em mundo onde tudo acontece de modo mais rápido e as informações chegam de forma imediata, o que nos leva a um busca por inserir o campo da aprendizagem neste mundo mais informativo, visando ampliar as possibilidades de trabalho em sala de aula, para que a educação para a criança e o jovem se torne mais efetivo e que se permita desenvolver uma visão mais crítica sobre a sociedade a qual ele está inserido – tudo com o intuito de melhorar a qualidade do aprendizado dos alunos.

Segundo Jörn Rüsen (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2010. p. 44) a história deve ser vista como um fator de orientação cultural na vida prática humana. Para esse autor o que impulsiona o aprendizado histórico dos alunos são as suas necessidades de orientação. Portanto, pode-se dar andamento ao aprendizado histórico somente a partir das experiências de ações relevantes do presente.

Portanto, fontes para o ensino tornam-se fundamental para uma aula dinâmica, pois permite que a história se torne um fator de determinação cultural da vida prática humana, ela terá de deixar de ser uma mera absorção de uma série de acontecimentos que se dará a partir da elaboração de respostas e perguntas feitas

aos conhecimentos acumulados, iniciando se a partir das questões históricas que surgem no presente, as experiências do passado transformam-se em experiência histórica específica, proporcionando a real efetivação do conhecimento.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. **Aula oficina: do projeto à avaliação**. Disponível em: [http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/semana%20pedagogica%202010/aula\\_oficina\\_Projeto\\_Avaliacao.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/semana%20pedagogica%202010/aula_oficina_Projeto_Avaliacao.pdf). Acessado em 30/03/2013.

BURKE, Peter. **O renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1999.

CAINELLI, Marlene; SCHIMIDT, Maria. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

DE LA BOÉTIE, Etienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Claret. 2009

JANOTTI, Maria. A falsa dialética: Justiniano José da Rocha. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 2, n. 3, pp. 3-17, mar. 1982.

NADAL, Beatriz G. **Cultura Escolar: Um olhar sobre a vida na escola**. 2007. 307 fls. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.

SCHMITT, Jean-Caude. **O corpo das Imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Tradução José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 11.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

Site Minha Série. Disponível em: <http://www.minhaserie.com.br/serie/534-game-of-thrones> acessado em: 21/07/2015.